



## Entre ruas e janelas I O aumento da polarização e os protestos no Brasil e no mundo



A atual semana tem sido marcada por uma nova onda de protestos políticos em todo o mundo. Por aqui, as habituais manifestações pró-Bolsonaro foram confrontadas pela primeira vez, por protestos de alguns grupos de oposição e de torcidas organizadas, com confronto direto entre manifestantes e policiais. Nos dias seguintes, os atos contra o racismo, que eclodiram nos EUA e se multiplicaram por diversos países, dominaram as redes e ganharam as ruas de algumas capitais do Brasil, esquentando ainda mais os ânimos da sociedade. A seguir, buscaremos refletir sobre o aumento da polarização na pandemia e os seus possíveis impactos políticos. Confira!

**O estopim.** A amplificação dos protestos pela morte de George Floyd, homem negro, asfixiado de forma brutal por policial branco, nos Estados Unidos, marcam o estopim de uma sociedade à flor da pele em todo o mundo, impactada pelo longo período de isolamento social e pelos reflexos sanitários e econômicos da pandemia. A maior onda de manifestações dos últimos 50 anos nos Estados Unidos, que foi capaz de se expandir em diversos países mesmo indo contra todas as indicações de isolamento social, passa por pelo menos cinco motivos:

### PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES PARA A MAGNITUDE DOS PROTESTOS

- Aspecto simbólico:** Perplexidade mundial pela brutalidade do assassinato e por sua simbologia (contexto de profunda desigualdade histórica e de racismo estrutural).
- Tensionamento do clima político:** Indignação com a repressão das forças de segurança aos primeiros atos de protesto e com as ações do governo (uso das forças armadas, toque de recolher, discurso de combate ao terrorismo) ajuda a aumentar ainda mais o tensionamento político já muito elevado nos últimos anos (tanto na política interna, quanto na política externa).
- Reflexos da pandemia:** Insatisfação da população com os reflexos danosos da pandemia (desemprego, mortes, atendimento dos serviços públicos). Por outro lado, ao avanço da pandemia pode ter o efeito de relaxamento de parte da população com as medidas de isolamento e distanciamento social (normalização do problema).
- Fator de coesão:** caráter orgânico e autônomo dos atos (sem instituições e lideranças políticas aparentes) e vínculo de solidariedade e sentimento de participação na história.
- Redes sociais e opinião pública:** utilização intensa das redes sociais pelos manifestantes (mobilização e compartilhamento de informações); imagens multiplicadas na grande mídia internacional.

**Redes sociais, quarentena e o aumento da polarização.** Outro fator relevante para a análise do atual momento diz respeito à intensificação da polarização. No cenário de pandemia, a restrição do convívio social no trabalho e em diversas outras atividades cotidianas leva as pessoas a se fecharem em pequenas bolhas digitais, onde há menos espaço para o estabelecimento de um diálogo franco e para a escuta de opiniões divergentes.

**As particularidades do Brasil.** No Brasil, mesmo com a comoção internacional pela morte de George Floyd, os protestos ainda não ganharam grande volume como em outros países, estando, neste momento, reduzidos a pequenos grupos de apoio e de oposição ao governo nas ruas. E isso parece estar associado diretamente ao atual estágio de avanço da Covid-19 no país. Segundo dados da OMS e de diversos centros de pesquisa brasileiros, hoje o Brasil é um dos epicentros da pandemia e deve atingir seu pico de contaminação apenas em julho, estando ainda em fase de contágio exponencial. Ir às ruas, agora, parece um contrassenso ao discurso de isolamento social, defendido pelos opositores do governo Bolsonaro.

**Como as ruas estão divididas?** Nesta primeira leva de protestos, as ruas têm se dividido em dois campos principais: 1) o campo dos patriotas, franja mais radical de seguidores do Bolsonaro, aderentes à intervenção militar e ao fechamento do Congresso e do STF; e 2) o campo democrático (ou “antifascista”), que neste momento tem se distribuído em alguns subgrupos bastante heterogêneos, como ativistas e cidadãos unidos pelo combate ao racismo e em defesa da democracia; representantes de partidos e movimentos mais à esquerda (comunistas, socialistas, anarquistas); e torcidas organizadas.

## RECENTE EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS DE RUA NO BRASIL

**Jornadas de junho de 2013:** Comoção nacional e participação em massa de milhões de brasileiros de todos os campos ideológicos, em centenas de municípios brasileiros, tendo como principal mote o combate à corrupção. Falta de clareza sobre prioridades e pouca aderência a lideranças partidárias e instituições.

2013

**Ascenção do bolsonarismo:** O período foi marcado pelo enfraquecimento do movimento sindical, com a reforma trabalhista e o fim das contribuições sindicais; pelo surgimento de diversos movimentos da “nova política”, com apoio de empresários (como o Acredito) e pela ascensão do bolsonarismo, caracterizado pelo discurso antissistêmico, por uma base de apoiadores muito fiel e pelo alto engajamento nas redes sociais.

2017/18

**Impeachment de Dilma Rousseff:** Divisão do país e grande polarização entre esquerda e direita. Surgimento de movimentos ativistas liberais (como o MBL e o Vem pra Rua), com alguns eixos principais: antipetismo, estado mínimo, patriotismo, segurança pública e defesa de propriedade, religião, família e valores tradicionais.

2015/16

**Radicalização:** Dissidência e divisão entre grupos bolsonaristas (Nas Ruas, Avança Brasil e Consciência Patriótica, 300 do Brasil, dentre outros) e grupos moderados de direita (como o MBL e o Vem pra Rua), com convergência circunstancial em pautas liberais. Houve cisão também com grupos anticorrupção (lavajatistas), a partir da saída do ex-ministro Sérgio Mouro do governo. No campo de esquerda, começam a surgir movimentos atrelados à “nova política” (como o Basta!, o Estamos Juntos e o Somos 70%).

2019/20

Elaborado pela Gerência de Relações Institucionais do Sistema OCB.



**Iniciativas de oposição.** A ameaça de uma possível ruptura institucional e os reflexos econômicos e sanitários da pandemia têm despertado o processo de formação de novos movimentos sociais, desta vez, com uma pauta bastante focada na defesa da democracia. E os desafios não são poucos. Com o objetivo de juntar os cacos do processo de impeachment e da derrota nas eleições de 2018, as lideranças progressistas encontram dificuldade de juntar esforços no próprio campo da esquerda, principalmente entre nomes como Lula e Ciro Gomes. A ideia de uma frente ampla democrática, com a inclusão de movimentos moderados de direita também encontra alguma resistência e não deve se estender para uma possível disputa eleitoral em 2022. Por outro lado, indicam o início de uma organização de movimentos ativistas parecidos com aqueles criados pelos conservadores entre 2015 e 2016, o que poderia culminar no aumento da pressão sobre o governo Bolsonaro, principalmente no momento pós-pandemia. Por ora, as iniciativas como o Estamos Juntos (promovido por artistas e intelectuais), o Basta! (iniciado por advogados e juristas) e o Somos 70% (criado por ativistas de esquerda) começam a ganhar as redes e se juntam às panelas e às notas de repúdio de autoridades políticas como principais iniciativas de oposição ao governo neste momento.

**Riscos de tensionamento.** Caso os protestos brasileiros ganhem maior amplitude nas próximas semanas, é possível que o governo Bolsonaro (e que os próprios governos estaduais) reajam de forma rígida para reprimir manifestações e repreender atos de violência e depredação. O indicativo tem sido dado pelo próprio presidente Bolsonaro, que tem se referido nos últimos dias ao artigo 142 da Constituição Federal, que prevê a ação de forças armadas para a garantia da lei e da ordem. Há, aí, um conflito de narrativas entre o governo e seus opositores. Para Bolsonaro, as manifestações antifascistas que despertem violência têm que ser combatidas como “terrorismo”. Posicionamento semelhante é defendido também pelo vice-presidente, general Hamilton Mourão, que, em nota recente, tratou como equívoco a associação do episódio de racismo nos Estados Unidos à realidade brasileira, assim como os posicionamentos do presidente Bolsonaro e de seus seguidores com o pensamento fascista ou com o Regime Militar. Segundo ele, as Forças Armadas continuam desvinculadas da política partidária, cumprindo rigorosamente seu papel constitucional. Para alguns opositores do governo, o ponto de preocupação, neste caso, seria uma possível escalada autoritária, em um processo de intervenção militar que não se restrinje aos momentos de manifestações. Porém, uma série de fatores podem afastar esta hipótese, como o receio dos próprios militares do grande embate político e do alto risco de desgaste de imagem que um movimento como este poderia acarretar.

## Números da semana:

<b>1.682</b>	Proposições tramitando no Congresso Nacional sobre Covid-19
<b>861</b>	Proposições filtradas pela OCB, com possível impacto para o cooperativismo
<b>216</b>	Normativos do governo sobre Covid-19 com impacto para o cooperativismo
<b>52</b>	Medidas Provisórias publicadas pelo governo sobre Covid-19
<b>81</b>	Pleitos do cooperativismo priorizados e sistematizados até o momento
<b>34</b>	Pleitos do cooperativismo atendidos até o momento

[Link para edições anteriores](#)